



A Ara Pacis Augustae na Itália fascista: análise sobre a instrumentalização do monumento a partir dos cinejornais do *Istituto Luce* (1937-1938)

Augusto Antônio de Assis – IFCH/UNICAMP

Prof. Dr. Glaydson José da Silva (Orientador) – UNIFESP

Resumo

Na Itália fascista, a Antiguidade romana foi frequentemente mobilizada para referendar e legitimar ideologias e práticas políticas. Buscou-se não somente estabelecer um paralelismo histórico, mas um *continuum* que unisse intrinsecamente o regime de Mussolini com Roma antiga, através da instrumentalização de ritos, símbolos e monumentos. Nesse sentido, a presente pesquisa buscou analisar uma das facetas desse “culto”, por meio da repercussão da escavação, restauração e reinauguração da *Ara Pacis Augustae* em dos mais importantes veículos de comunicação de massa da época, os cinejornais do *Istituto Luce*.

Palavras-chave: *Ara Pacis Augustae*; culto fascista da romanidade; cinejornais.

Introdução

A mobilização do passado para referendar agendas políticas não é novidade no decurso da história. A Antiguidade Clássica, por exemplo, é constantemente reivindicada enquanto base étnica e cultural das sociedades do ocidente (HINGLEY, 2010, p. 28), fato acirrado durante o processo de formação e consolidação dos Estados Nacionais (SILVA, 2005, p. 95). No contexto italiano, a romanidade já é o lastro fundamental da história desde o fim do medievo, contudo, entre os séculos XIX e XX, ocorre uma brusca radicalização desse fenômeno. A *intelligentsia* pós reunificação renovou ainda mais esses interesses na ideia de legado da história de Roma; além de legitimar as questões identitárias nacionais (PARODO, 2016, pp. 1-3), ratifica moralmente as pretensões políticas colonialistas italianas no norte da África (GRAVANO, 2016).

Outrossim, tais empenhos são levados às últimas consequências durante o *ventennio* fascista. O processo de instrumentalização da Roma Antiga, partiu, inicialmente de sua idealização e foi levado a cabo através de seu culto, instaurando o que Luciano Canfora (2012, p. 90) caracterizou como “Romanolatria”. Ademais, a romanidade possuía centralidade na cultura política fascista (ARTHURS, 2015, p. 44), criando-se, para tanto, a ilusão da atualidade imediata da Antiguidade, através da reivindicação de uma originalidade romana e itálica (CANFORA, 1980, pp. 9-10)

O *Culto della romanità* não foi somente um paralelismo ideológico entre presente e passado, mas a tentativa de estabelecimento de uma amálgama entre os processos históricos antigo e fascista (SILVA, 2018, p. 143). Todavia, todo processo de uso instrumental do passado acaba por deformá-lo, em vista das necessidades históricas dos sujeitos que o evocam. Imagens, símbolos, monumentos, governantes, valores dentre outras manifestações da Antiguidade, de

cunho social, cultural e político, foram selecionadas e enquadradas a partir de uma estética ideológica fascista (GIUMAN; PARODO, 2017, p. 608).

O *Culto della romanità*, encarado aqui na perspectiva de mito fascista, utilizou-se, de maneira inédita, dos meios de comunicação em massa. De tal modo, suscitou-se interesse em escala global, transformando a imagem da Itália Fascista no espelho de Roma (GIARDINA, 2008, p. 56). Para tanto, todos os âmbitos da vida italiana foram entremeados a uma experiência romana que, ao mesmo tempo, unia a coletividade em torno do ideal de nação e os distinguiu, a partir de uma excepcionalidade gloriosa, em relação aos demais. A massificação de imagens e signos romanos possibilitava que os italianos acessassem a romanidade mesmo sem o conhecimento da língua latina, através da repetitividade e da frequência, instaurando uma política da imagem (MALVANO, 1988, p. 153).

Um dos maiores avanços no campo cultural deu-se na cinematografia, através da tentativa de apropriação de suas potencialidades, como a grande difusão de sentidos, o amplo e fácil acesso e o ampliamiento sensorial em relação ao receptor, através do conteúdo audiovisual (FERRO, 1992, p. 14). Em 1925, Mussolini eleva *L'Unione Cinematografica Educativa* ao status de sociedade paraestatal: o *Istituto Nazionale Luce* (MORALES, 2007, p. 415). Constituída em 1924, a fim de produzir material instrutivo e educativo para a população, a sociedade foi rapidamente atrelada ao regime, que a enxergou enquanto notável meio de veiculação propagandística (GUZZO, 2016, p. 201).

Alinhados aos preceitos de difusão cultural e instrução da população, os Cinejornais Luce, com breves notícias sobre diversas localidades da Itália - e também do mundo -, passam a ser obrigatórios em todas as salas de cinema italianas, a partir de 1926 (GIARDINA, 2008, p. 71). Ademais, as produções do instituto tinham ampla penetração no tecido social, além de serem extremamente capilarizadas no território italiano (ROSA, 2012, p. 63). A romanidade, um dos pilares do instituto, foi sensorialmente ampliada, e, mediada pela estética persuasiva, tornou-se cada vez mais familiar e acessível no cotidiano italiano.

Nesse sentido, os processos de reagrupação, restauro e reconstrução da *Ara Pacis Augustae* - Altar da Paz de Augusto - ganharam proeminência dentro dos cinejornais, em 1937-1938. O altar, construído entre 13-9 a. C., tinha por objetivo homenagear o primeiro imperador romano, Augusto, que a pouco havia retornado de campanhas militares vitoriosas na Gália e na Hispânia. Após ser soterrado com o tempo, apenas alguns fragmentos seriam escavados até a mirada fascista em direção a Antiguidade, que empreendeu esforços para reestabelecê-lo e, em 23 de setembro de 1938, o reinaugar na Praça Augusto Imperador, recém construída.

Breve análise das fontes

Em primeiro de dezembro de 1937 foram ao ar oito cine-reportagens do *Cinegiornale Luce B* (B1211) - a referência completa com o acesso para todos os cinejornais trabalhados está

disponível no final do documento. A sexta, situada em Florença, apresentava a preparação e o acondicionamento dos fragmentos da *Ara Pacis*, na *Galleria degli Uffizi*, para o transporte à Roma, no contexto da reconstrução do monumento em prol das comemorações do bimilenário do nascimento de Augusto. Com direção artística de Arnaldo Ricotti, a película tem duração de 53 segundos, em preto e branco, e apresenta narração dos acontecimentos ao fundo.

Um dos grandes movimentos do cinejornal é demarcar um local de relevância para a *Ara Pacis* dentro do imaginário do público. É fundamental não perder de vista que uma política de massa, como a da imagem, lida com uma grande heterogeneidade, logo, o conhecimento prévio sobre o altar e sua importância, antiga e atual, é bem distinto. Portanto, diferentes conexões explicativas são sobrepostas, autorreferenciando-se, a fim de uma maior abrangência, tanto reforçando conceitos prévios, quanto construindo novos. Percebe-se que três consensos de autoridade foram evocados, Mussolini, Roma e Augusto.

O mais objetivo diz respeito ao *volere* do *Duce*, figura dotada de respaldo moral para discernir e apontar o que deve ou não receber um posto monumental. O segundo, também direto, trata da carga histórica imanente àquele objeto, por ser um exemplar dentre o que havia de mais significativo na escultórica romana, atrelado ao elogio estético, ratificando concepções de belo. Por fim, a terceira apologia remete aos pontos de contato estabelecidos entre o altar e Augusto. Tal relação pode ser compreendida de maneira dupla, pois, ao mesmo tempo em que a construção da *Ara Pacis* é tratada como consequência das vitórias do *Primo Imperatore*, ele é o *topos* central evocado nos frisos.

As obras de restauro na *Ara Pacis* foram noticiadas em duas edições dos cinejornais do *Istituto Luce*. A primeira (B1271), em 23 de março de 1938, apresenta a visita do Ministro Nacional da Educação, Giuseppe Bottai, e do Governador de Roma, Piero Colonna, às obras, enquanto a segunda (B1279), no dia trinta do mesmo mês, com temática idêntica, protagoniza Vittorio Emanuele III, rei italiano. De maneira geral, os dois cinejornais narram, visualmente, as visitas guiadas dessas grandes personalidades do regime pelos trabalhos na *Ara Pacis*. As duas foram dirigidas por Arturo Gemmiti, com duração de 38 e 48 segundos, respectivamente, em preto e branco.

As autoridades do primeiro escalão do regime se mostram presentes na reconstrução de um monumento célebre de uma época áurea, logo, inserem-se no imaginário social como representantes dessa revitalização. O simbolismo das visitas é legitimado pelo culto à Roma Antiga, mas também o alimenta, na medida em que essas personalidades estavam igualmente presentes no cotidiano da população através da mídia. As autoridades e o *culto della romanità* se legitimam mutuamente no imaginário social.

Em 28 de setembro de 1938 iria ao ar o cinejornal retratando a reinauguração da *Ara Pacis*, com direção de Arturo Gemmiti, possui 2min e 3s, em preto e branco (B1383). A complexa relação, já pontuada, entre as autoridades fascistas e a romanidade aplica-se aqui novamente. A

Piazza Augusto Augusto Imperatore é evidenciada como um lugar de celebração da herança romana, com enfoque claro em Augusto e na família Julia-Claudia, referenciando o Mausoléu de Augusto, recém isolado na mesma praça. A imagem do fascismo como uma potência, em especial militar, que congrega os símbolos da romanidade é personificada em Mussolini, que conduz – conduzir/*ducere* - o processo discursivo do cinejornal. A narração é fundamental para tal aspecto, na medida em que ela direciona a acepção sensorial. A *Ara Pacis* é “reconsagrada” pela visita do *Duce*, fundador do novo império, que revive a “luz imortal de Roma”.

Possibilidades Interpretativas

Os cinejornais reforçam o ideal valorativo atrelado a Augusto, atuando enquanto educadores dentro do processo de ratificação do imaginário social. Ademais, a ideia de continuidade histórica é enfática. Quando Augusto retorna vitorioso a Roma, após derrotar povos enxergados como “bárbaros” na Gália e na Espanha, e o Senado o homenageia com a construção da *Ara Pacis*, anuncia-se o início de um período de paz e prosperidade, conhecido posteriormente como *Pax* romana. O altar passa, portanto, a ser considerado como um marco da proeminência da civilização romana, caracterizada pela imposição dos costumes e assimilação dos povos conquistados.

No contexto fascista, apenas dois anos antes do evento de reinauguração, em 1936, a invasão e ocupação da Etiópia marcaram a fundação do império fascista, edificado, bem como o romano, por meio da guerra. A partir desse momento, a instrumentalização da Antiguidade terá como foco o primeiro imperador romano. Nosso trabalho, portanto, pode contribuir com o campo de estudos sobre o culto da romanidade no *ventennio* fascista na medida em que considera a reinauguração da *Ara Pacis Augustae* como um dos pontos fundamentais desse processo, analisando o modo pelo qual o regime de Mussolini decidiu veicular esse evento para a população, efetuando um uso político em relação ao passado para legitimar seus caracteres imperiais e colonialistas.

Fontes:

Istituto Nazionale Luce. “Il ministro Bottai e il Governatore di Roma in visita ai lavori di restauro dei frammenti dell'Ara Pacis di Augusto”. GEMMITI, Arturo (direção artística). *GIORNALE LUCE* B, B127108. 38s. Roma, 16 mar., 1938. Disponível em: <<https://patrimonio.archivioluce.com/luce-web/detail/IL5000032894/2/il-ministro-bottai-e-governatore-roma-visita-ai-lavori-restauro-frammenti-ara-pacis-augusto.html>>. Acesso em: 28 ago., 2021.

Istituto Nazionale Luce. “Il Re visita lo stato dei lavori in corso sull'Ara Pacis di Augusto”. GEMMITI, Arturo (direção artística). *GIORNALE LUCE* B, B127906. 48s. Roma, 30 mar., 1938. Disponível em: <<https://patrimonio.archivioluce.com/luce-web/detail/IL5000033299/2/il-re-visita-lo-stato-lavori-corso-sull-ara-pacis-augusto.html>>. Acesso em: 28 ago., 2021.

Istituto Nazionale Luce. “L'inaugurazione dell'Ara Pacis nel nuovo assetto urbanistico”. GEMMITI, Arturo (direção artística). *GIORNALE LUCE* B, B138308. 2min 03s. Roma, 28 set.,

1938. Disponível em: <<https://patrimonio.archivioluca.com/luca-web/detail/IL5000029394/2/inaugurazione-ara-pacis-nel-nuovo-assetto-urbanistico.html>>. Acesso em: 28 ago., 2021.

Istituto Nazionale Luce. “Il trasporto di frammenti dell'Ara Pacis a Roma per volere del Duce in occasione del bimillenario di Augusto.” RICOTTI, Arnaldo (direção artística). *GIORNALE LUCE* B, B121106. 53s. Florença, 01 dez., 1937. Disponível em: <<https://patrimonio.archivioluca.com/luca-web/detail/IL5000027651/2/index.html>>. Acesso em: 28 ago., 2021.

Referências bibliográficas:

ARTHURS, Joshua. “The Excavatory Intervention: Archaeology and the Chronopolitics of Roman Antiquity in Fascist Italy”. *Journal of Modern History*, v. 13, n. 1, 2015, p. 44-58.

CANFORA, Luciano. *Cultura Classica e Fascismo in Italia*. Conferenza tenuta il 27 ottobre 1980 presso l'Auditorium della Biblioteca Provinciale di Foggia. Foggia, 1980.

CANFORA, Luciano. *Noi e gli Antichi*: Perché lo studio dei Greci e dei Romani giova all'intelligenza dei moderni. Milano: BUR Saggi, 2012.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GIARDINA, Andrea. “O mito fascista da romanidade”. *Estudos Avançados*, v. 22, n. 62, 2008, p. 55-76.

GIUMAN, Marco; PARODO, Ciro. “La Mostra Augustea della Romanità e il mito di Roma antica in epoca fascista”. In: FLECKER, M. et al. (Orgs.). *Augustus ist tot: Lang lebe der Kaiser!* Internationales Kolloquium anlässlich des 2000. Rahden; Westf: Leidorf, 2017, p. 605-620.

GRAVANO, Viviana. “La Romanità dell'Italia coloniale e fascista. La partecipazione Italiana alla Exposition Coloniale de Paris del 1931”. *Roots and Routes*, research on visual cultures, 2016. Disponível em: <<https://www.roots-routes.org/la-romanita-dellitalia-coloniale-fascista-la-partecipazione-italiana-alla-exposition-coloniale-de-paris-del-1931-viviana-gravano/>>. Acesso em: 28 ago., 2021.

GUZZO, Domenico. “Cinematografia”. In: DE MARIA, Carlo (Org.). *Fascismo e società italiana*: Temi e parole-chiave. Bologna: Clionet, 2016, p. 121-140.

HINGLEY, Richard. *O Imperialismo Romano*: novas perspectivas a partir da Bretanha. São Paulo: Annablume, 2010.

MALVANO, Laura. *Fascismo e politica dell'immagine*. Turim: Bollati Boringhieri, 1988.

MORALES, Suzana. “La página web del Archivo Histórico del Instituto Luce: un instrumento de difusión cinematográfica”. *Anales de Documentación*, n. 10, 2007, p. 413-28.

PARODO, Ciro. “Roma antica e l'archeologia dei simboli nell'Italia fascista”. *Medea*, n. 1, v. 2, 2016, p. 1-27.

ROSA, Cristina Souza. “Cinema educativo do fascismo e do Estado novo em comparação”. *Revista Esboços*, Florianópolis, v. 19, n. 27, ago, 2012, p. 55-75.

SILVA, Glaydson José da. *História Antiga e usos do passado*: um estudo de apropriações da Antiguidade sob o regime de Vichy (1940-1944). São Paulo: Annablume, 2007.

SILVA, Glaydson José da. “Historicidade, memória e escrita da história: Augusto e o Culto della Romanità durante o Ventennio Fascista”. *Romanitas*, Revista de Estudos Grecolatinos, n. 12, 2018, p. 142-163.